

# Textos para Discussão N° 86

Secretaria do Planejamento e Gestão  
Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser

## **Jovens no mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre: quais as mudanças relevantes nos anos 2000?**

**Raul Luís Assumpção Bastos**

Porto Alegre, dezembro de 2010



GOVERNO DO ESTADO  
RIO GRANDE DO SUL

## SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E GESTÃO

**Secretário:** José Alfredo Parode



### DIRETORIA

**Presidente:** Adelar Fochezatto

**Diretor Técnico:** Octavio Augusto Camargo Conceição

**Diretor Administrativo:** Nóra Angela Gundlach Kraemer

### CENTROS

**Estudos Econômicos e Sociais:** Sônia Unikowsky Teruchkin

**Pesquisa de Emprego e Desemprego:** Dulce Helena Vergara

**Informações Estatísticas:** Adalberto Alves Maia Neto

**Informática:** Luciano Zanuz

**Editoração:** Valesca Casa Nova Nonnig

**Recursos:** Alfredo Crestani

### TEXTOS PARA DISCUSSÃO

Publicação cujo objetivo é divulgar resultados de estudos direta ou indiretamente desenvolvidos pela FEE, os quais, por sua relevância, levam informações para profissionais especializados e estabelecem um espaço para sugestões. As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e de inteira responsabilidade do(s) autor(es), não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista da Fundação de Economia e Estatística.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

[www.fee.tche.br](http://www.fee.tche.br)

## Jovens no mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre: quais as mudanças relevantes nos anos 2000?<sup>1</sup>

Raul Luís Assumpção Bastos\*

Economista da Fundação de Economia e Estatística

### Resumo

O objetivo deste estudo é o de analisar as principais mudanças do segmento juvenil do mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) ao longo dos anos 2000, por meio da base de dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). O estudo revela que houve relativa estabilidade da população e da força de trabalho juvenil no período; melhora do nível de educação formal e aumento da proporção de adolescentes que somente estudam; moderado ritmo de crescimento da ocupação juvenil; ampliação da parcela relativa do emprego assalariado entre os jovens ocupados; redução da incidência do desemprego, ainda que em ritmo menor ao daquele verificado entre a população adulta; e aumento da proporção de jovens mais escolarizados entre os desempregados.

**Palavras-chave:** força de trabalho juvenil; ocupação juvenil; desemprego juvenil; mercado de trabalho metropolitano.

**Classificação JEL:** J00; J21; J22; J64.

### Abstract

The aim of this article is to analyze the main changes of the youth segment of the labour market of the Metropolitan Area of Porto Alegre (RMPA), Brazil, in the 2000s, based on data of the Employment and Unemployment Research (PED). The study reveals that the youth population and labour force remained relatively stable during the period; that an improvement of the formal educational level, an increase of the proportion of teenagers that only study and that a moderate growth of youth employment took place; that the relative share of wage labour in the youth total employment enlarged; that a reduction of the unemployment incidence, however at a slower pace to that seen among the adult population, occurred; and that the proportion of the youths with higher formal educational level within the unemployed stock of this age group increased.

**Key words:** youth labour force; youth employment; youth unemployment; metropolitan labour market.

**JEL classification:** J00; J21; J22; J64.

---

<sup>1</sup> O autor agradece aos colegas Alejandro Kuajara Arandia, André Luiz Leite Chaves, Bruna Kasprzak Borges, Miriam De Toni, Norma Hermínia Kreling e Walter Arno Pichler, assim como à bolsista de iniciação científica da FAPERGS, Andréa Cristina Gromovski Hentz, pelas críticas e sugestões a uma versão preliminar deste trabalho. Agradece também aos estatísticos Ana Paula Queiroz Sperotto e Rafael Bassegio Caumo, ao auxiliar técnico Marcel Henrique Becker e aos estagiários Jonas de Souza Pacheco e Leticia Herrmann, pelo apoio na confecção das tabulações especiais utilizadas neste estudo. Erros e omissões por acaso remanescentes no trabalho são de inteira responsabilidade do autor.

\* E-mail: bastos@fee.tche.br

## 1. INTRODUÇÃO

Quando se analisa o mercado de trabalho de acordo com características demográficas, os jovens são um dos segmentos que, com mais recorrência, tem sido objeto de atenção. Seja pelo fato de ser um grupo etário cujo peso relativo na população é considerável, seja por nele se verificar uma incidência do desemprego muito mais elevada do que a existente entre os adultos, a situação dos jovens no mercado de trabalho tem motivado inúmeros estudos que procuram contribuir para a sua compreensão (Ryan, 2001; Martin, 2009; Bell e Blanchflower, 2010; CEPAL, 2004; OIT, 2007).

A esse respeito, deve-se ter presente que os jovens possuem características que lhes são próprias no mercado de trabalho. Esse segmento populacional está vivenciando o processo de transição da escola para o trabalho, tendo as suas primeiras experiências laborais. Nesse sentido, os jovens, com recorrência, deparam-se, na procura por trabalho, com um *handicap* que lhes é específico – a ausência de experiência anterior de trabalho –, bem como, muitas vezes, precisam dar conta simultaneamente de atividades de conteúdo distinto – a frequência à escola combinada com o trabalho. Esses elementos condicionam a situação dos jovens no mercado de trabalho, pois interferem em suas chances de êxito na obtenção de um posto de trabalho.

O objetivo deste estudo é o de analisar as principais mudanças no segmento juvenil do mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) ao longo dos anos 2000, por meio da base de dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED-RMPA). Dentre as questões que motivaram a realização do estudo, podem-se destacar as que seguem. Como evoluiu o tamanho relativo da coorte juvenil ao longo dos anos 2000, assim como a oferta de trabalho desse segmento populacional? Assumindo-se que a educação formal seja um dos elementos definidores das condições de inserção dos indivíduos no mercado de trabalho, que mudanças ocorreram na composição da força de trabalho juvenil no que se refere a esse atributo no período em foco? A capacidade de absorção da mão de obra juvenil acompanhou o desempenho do nível ocupacional dos adultos? Que alterações podem ser identificadas na composição da ocupação juvenil por setores de atividade econômica, posição na ocupação e atributos pessoais? Em um contexto econômico que se mostrou mais favorável, a tendência do desemprego entre os jovens foi semelhante à dos adultos? Que mudanças ocorreram na composição do desemprego por atributos pessoais entre os jovens ao longo dos anos 2000?

Em termos contextuais, o período de análise do estudo ora proposto foi marcado, em linhas gerais, por uma melhora do desempenho do mercado de trabalho. Com ênfase no período que se estende de 2004 ao terceiro trimestre de 2008, as taxas de crescimento do produto mais elevadas proporcionaram maior capacidade de absorção de mão de obra e uma conseqüente redução da incidência do desemprego. Nesse ambiente, observou-se também um aumento na geração de emprego com registros formais, o que implicou uma recuperação, ainda que parcial, da qualidade das inserções no mercado de trabalho. Ou seja, trata-se de um contexto econômico mais promissor *vis-à-vis* ao dos anos 90, nos quais houve uma grande deterioração do mercado de trabalho.

Com base no objetivo proposto e nas questões formuladas sobre a situação dos jovens no mercado de trabalho da RMPA, nos anos 2000, este trabalho encontra-se assim organizado. Após

esta breve introdução, a seção 2 analisa a evolução da população jovem e o comportamento da oferta de trabalho desse grupo etário; a seção 3 trata da composição da população e da força de juvenil por níveis de educação formal, procurando identificar a existência de mudanças nesse âmbito, bem como interpretá-las; a seção 4 diz respeito ao desempenho da ocupação juvenil, bem como da sua composição, de acordo com diferentes recortes; a seção 5 analisa o desemprego juvenil nos anos 2000, também contemplando um recorte desse fenômeno por atributos pessoais; por último, a seção 6 contém as considerações finais, na qual se faz uma síntese das principais evidências proporcionadas pelo estudo.

## 2. ASPECTOS DEMOGRÁFICOS E OFERTA DE TRABALHO DOS JOVENS

No período focalizado por este estudo, a população jovem elevou-se em termos absolutos na RMPA até o ano de 2005, quando se situou em 631 mil indivíduos (Gráfico 1). A partir de 2006, identifica-se uma trajetória distinta, que é a de redução absoluta da população jovem, a qual declinou para 586 mil indivíduos em 2009. Dada a inflexão no padrão de crescimento desse grupo populacional, em 2009 ele se encontrava praticamente no mesmo nível de 1999, o que expressa uma taxa média anual de crescimento para o período como um todo muito pequena, de somente 0,1% (Gráfico 2). O padrão evolutivo da população jovem foi distinto daquele observado entre os adultos<sup>2</sup>, cuja taxa média anual de crescimento foi de 2,9% no período 1999-2009. Essa diferença entre o padrão evolutivo da população jovem *vis-à-vis* ao da população adulta na RMPA constitui-se em uma indicação do avanço no processo de transição demográfica no país (Paiva e Wajnman, 2005; Rios-Neto, 2005; IPEA, 2006, cap. 2), em que o declínio nas taxas de natalidade e de fecundidade e o aumento na expectativa de vida conduzem a uma transformação na estrutura etária da população, na qual os segmentos de idade mais avançada ampliam as suas parcelas relativas na população, enquanto os de crianças e de jovens evidenciam retração.<sup>3</sup>

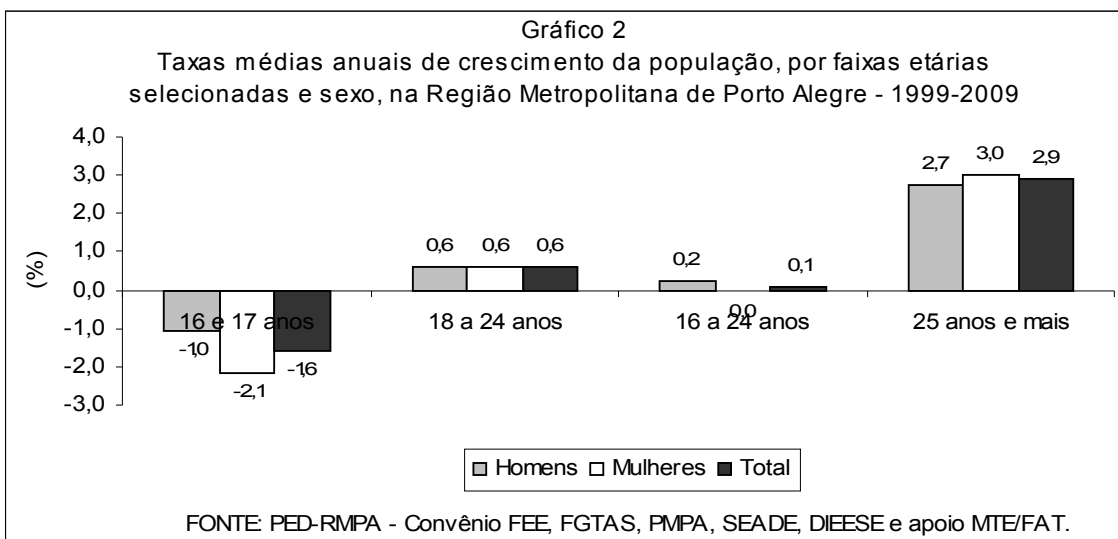
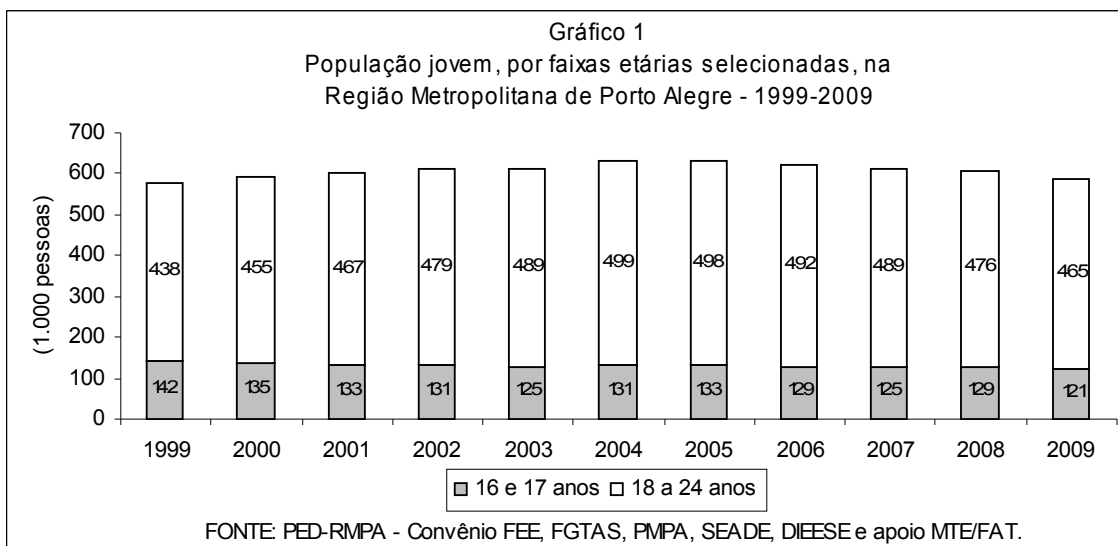
Um dos desdobramentos dos movimentos acima descritos foi a redução do tamanho relativo da coorte de jovens na RMPA, nos anos 2000. Nesse sentido, a proporção de jovens na População em Idade Ativa (PIA) da Região, que havia se mantido relativamente estável até o ano de 2004 – em torno de 20,0% –, a partir de 2005 ingressou em uma trajetória de declínio, até atingir 16,9% em 2009. Essas evidências estão a indicar que a mudança demográfica no período atuou no sentido de favorecer a situação dos jovens no mercado de trabalho, pois contribuiu para que não houvesse aumento da pressão da oferta de trabalho desse segmento sobre o mercado de trabalho metropolitano.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Neste estudo, os adultos correspondem à faixa etária de 25 anos e mais.

<sup>3</sup> Sobre o processo de mudança demográfica e suas implicações para o mercado de trabalho da RMPA, ver os estudos de Kreling (2007 e 2009).

<sup>4</sup> Essa situação é distinta daquela verificada nas regiões metropolitanas do País nos anos 90, quando estudos nelas identificaram a ocorrência de uma onda jovem (Bercovich e Madeira, 1990; Muniz, 2002). Para uma análise desse fenômeno especificamente no âmbito da RMPA, ver Bastos (2006).

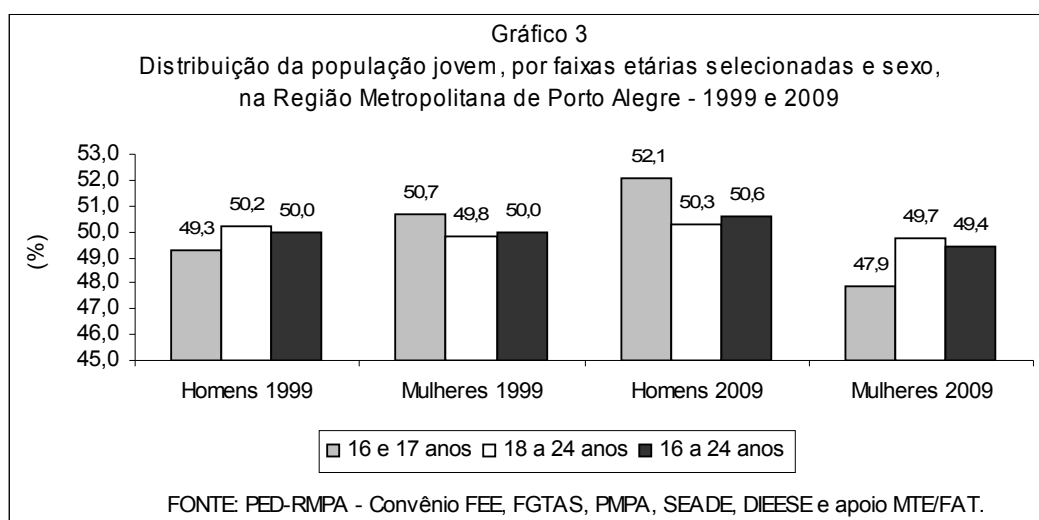


Ao se dividir a população jovem em dois segmentos – o de jovens adolescentes de 16 e 17 anos e o de jovens adultos de 18 a 24 anos<sup>5</sup> –, percebe-se que a relativa estabilidade da população jovem total foi provocada pela combinação do declínio do contingente de adolescentes, que passou de 142 mil indivíduos em 1999 para 121 mil em 2009, com o crescimento do estoque de jovens adultos, de 438 mil para 465 mil, nessa base comparativa (Gráfico 1). Esses movimentos são uma manifestação entre os jovens adolescentes de uma taxa média anual de crescimento negativa de 1,6%, enquanto entre os jovens adultos ela foi positiva, de 0,6% ao ano (Gráfico 2). Como decorrência dessa disparidade de comportamentos evolutivos, a proporção de adolescentes na

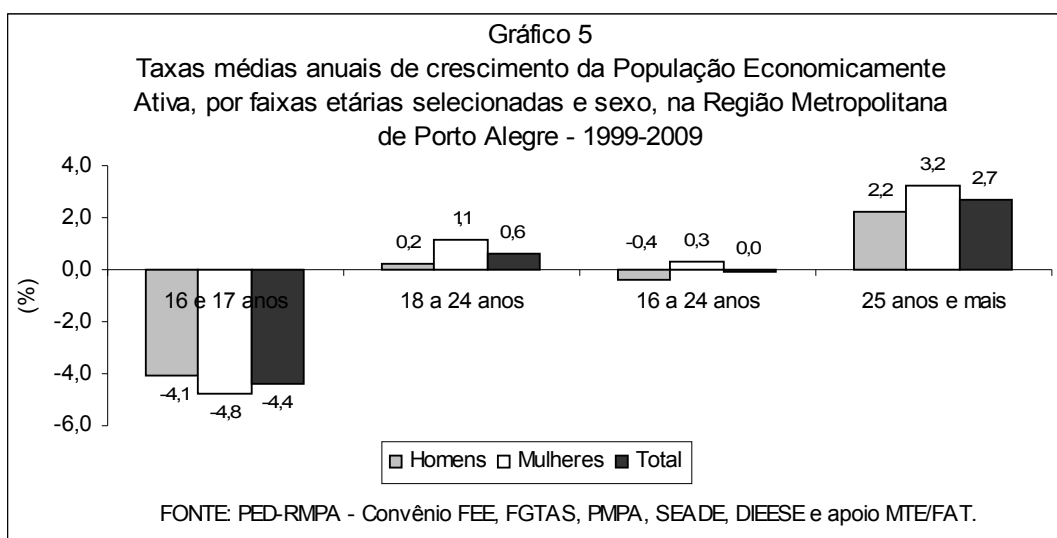
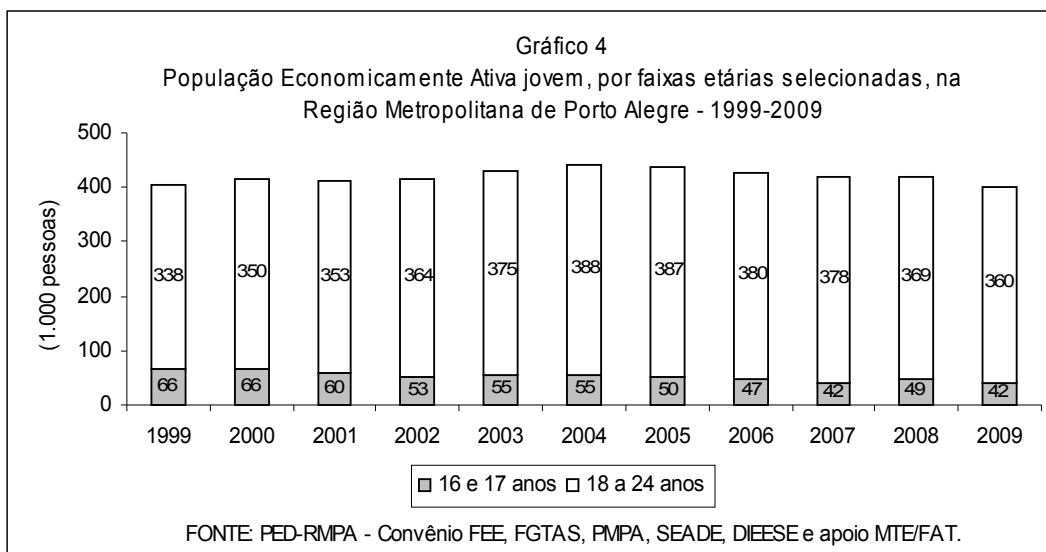
<sup>5</sup> De agora em diante, sempre que se fizer referência, neste texto, aos jovens adolescentes, a faixa etária correspondente será a de 16 e 17 anos, e, aos jovens adultos, a de 18 a 24 anos.

população jovem total reduziu-se de 24,5% em 1999 para 20,6% em 2009, e, como contrapartida, a de jovens adultos elevou-se de 75,5% para 79,4%.

Analisando-se a distribuição da população jovem por sexo na RMPA, constata-se que ela praticamente não se alterou na comparação de 1999 com 2009, estando as parcelas relativas de homens e de mulheres muito próximas da metade da população jovem total (Gráfico 3). Quando se sobrepõem os recortes por idade e por sexo dos jovens, identifica-se que, somente entre os jovens adolescentes, ocorreu uma mudança mais nítida na distribuição: os homens ampliaram a sua proporção nesse segmento populacional, de 49,3% em 1999 para 52,1% em 2009. Como é possível perceber, por meio do Gráfico 2, essa mudança traduz uma taxa média anual de crescimento negativa muito mais acentuada para as adolescentes (-2,1%) em comparação à dos adolescentes homens (-1,0%) — Gráfico 2.



No âmbito do mercado de trabalho da RMPA, a População Economicamente Ativa (PEA) jovem elevou-se até o ano de 2004, quando atingiu 443 mil indivíduos, para após ingressar em um processo de redução, situando-se em 402 mil indivíduos em 2009, nível semelhante ao existente em 1999 (Gráfico 4). Dessa forma, a taxa média anual de crescimento da força de trabalho jovem metropolitana no período foi de aproximadamente zero (Gráfico 5). Também nesse caso, tal trajetória evolutiva foi distinta da PEA adulta, a qual cresceu a um ritmo médio anual de 2,7% no período em foco. Em face do comportamento díspar da força de trabalho jovem *vis-à-vis* à adulta, a parcela relativa de jovens na PEA total da região contraiu-se de 24,3% em 1999 para 19,9% em 2009. Portanto, essas evidências corroboram a compreensão de que a força de trabalho dos jovens não ampliou a pressão exercida sobre o mercado de trabalho local nos anos 2000.

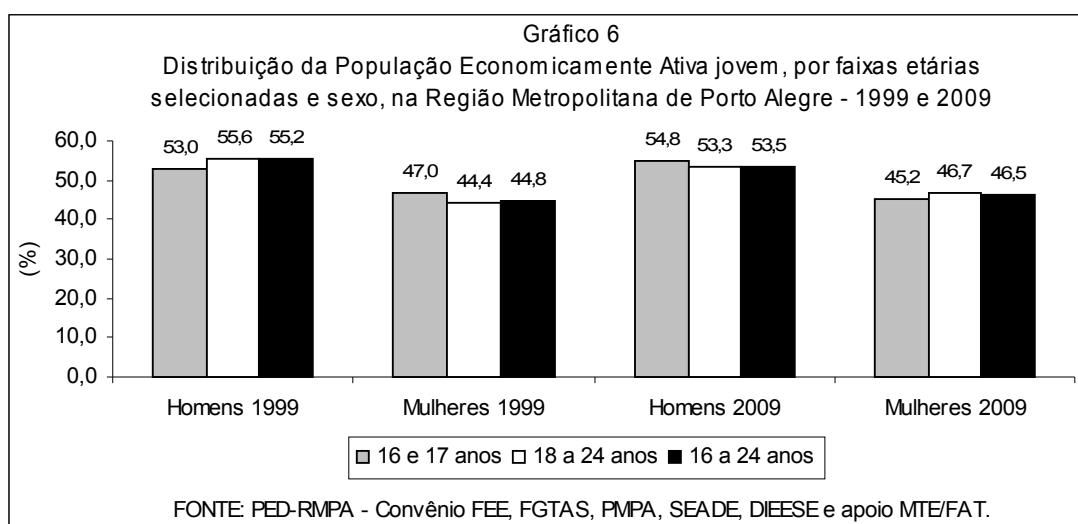


À semelhança do que havia ocorrido em termos populacionais, a força de trabalho dos jovens adolescentes evidenciou declínio absoluto na RMPA, no período, tendo passado de 66 mil indivíduos em 1999 para 42 mil em 2009 (Gráfico 4). Já no caso dos jovens adultos, a respectiva PEA foi incrementada de 338 mil indivíduos para 360 mil, nessa mesma base comparativa. A esse respeito, pode-se depreender que o ritmo de redução da força de trabalho dos adolescentes (-4,4% ao ano) foi mais intenso do que o do correspondente grupo populacional, enquanto, no caso dos jovens adultos, o ritmo de expansão da força de trabalho (0,6% ao ano) foi idêntico ao desse segmento populacional (Gráfico 5). Isso conduz à compreensão de que a redução da força de trabalho dos jovens adolescentes se deveu, também, a fatores socioeconômicos, para os quais se avançará uma sugestão de interpretação na próxima seção. Os movimentos acima descritos tiveram como

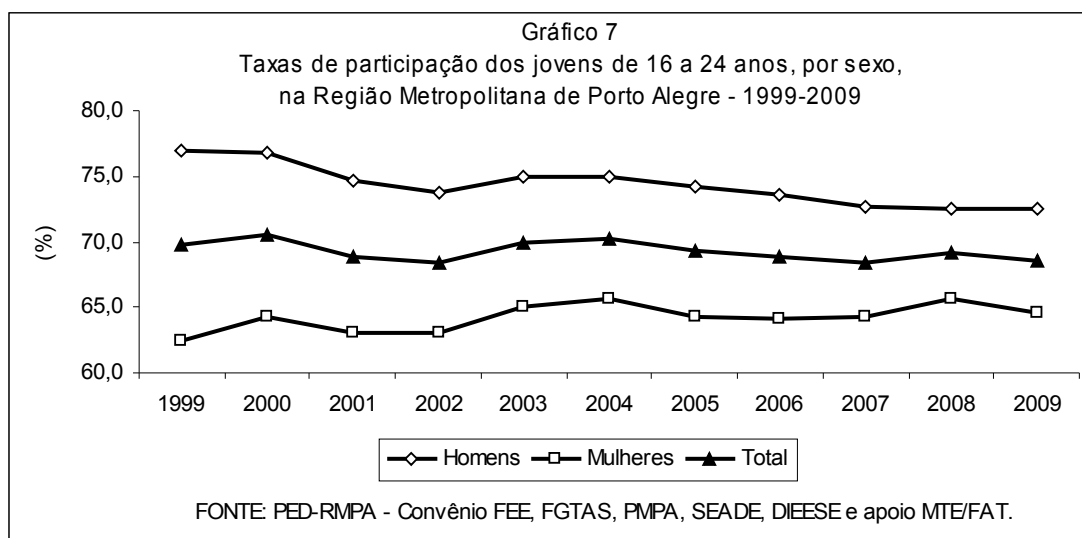


implicação uma mudança na composição da força de trabalho jovem por idade, em que o segmento de jovens adultos se elevou de 83,7% em 1999 para 89,6% em 2009, e, como contrapartida, o de jovens adolescentes reduziu-se de 16,3% para 10,4%.

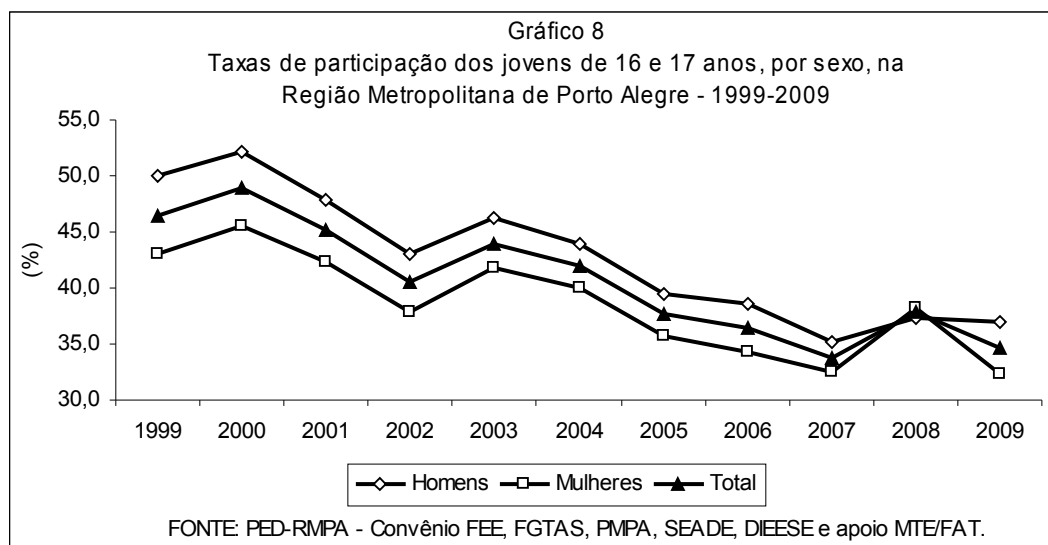
Ao se examinar a distribuição da PEA jovem por sexo, esta revela um leve aumento da proporção de mulheres, as quais passaram de 44,8% para 46,5%, na comparação de 1999 com 2009 (Gráfico 6). Esse reflete o fato de que, entre elas, ocorreu um pequeno incremento absoluto da força de trabalho, enquanto, entre eles, se verificou uma retração. Houve também mudanças na composição por sexo da PEA dos jovens adolescentes e na de jovens adultos, ainda que estas não tenham sido acentuadas: entre os primeiros, a parcela relativa de homens ampliou-se de 53,0% para 54,8%, e, entre os últimos, de forma distinta, foi a de mulheres que se expandiu, de 44,4% para 46,7%.

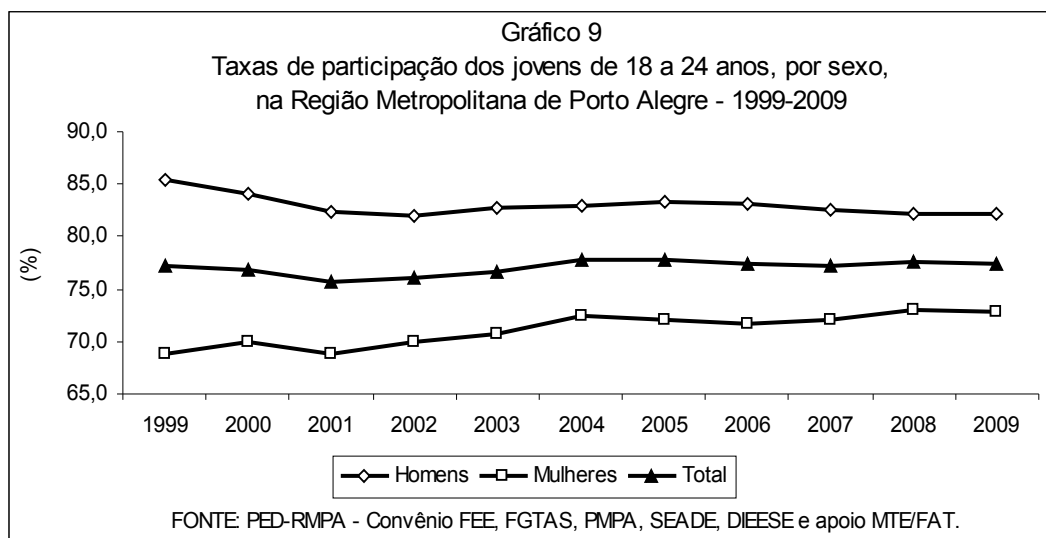


A oferta de trabalho dos jovens na RMPA, nos anos 2000, pode ser também analisada por meio do comportamento da taxa de participação deste segmento populacional. A esse respeito, percebe-se que a taxa de participação dos jovens oscilou muito pouco ao longo do período em foco, tendo passado de 69,7% em 1999 para 68,6% em 2009 (Gráfico 7). Essa relativa estabilidade resultou de trajetórias distintas desse indicador entre os sexos: enquanto, para os homens, a taxa de participação registrou declínio (de 76,9% para 72,5%), para as mulheres, evidenciou elevação (de 62,4% para 64,6%). O aumento da taxa de participação das mulheres jovens está em consonância com uma tendência mais geral da população feminina do País, que é a de ampliar o seu grau de engajamento no mercado de trabalho (IPEA, 2006, cap. 5; Sabóia, 2005).



Quando se desagrega a força de trabalho jovem por sexo e por idade, constata-se a existência de tendências bastante distintas entre as taxas de participação (Gráficos 8 e 9). Nesse sentido, os jovens adultos evidenciam relativa estabilidade da sua taxa de participação, que se situava em cerca de 77,0%, tanto em 1999 quanto em 2009. À semelhança do que ocorreu com a força de trabalho jovem como um todo, esta também foi determinada por uma queda deste indicador entre os homens e uma elevação do mesmo entre as mulheres. Já no caso dos jovens adolescentes, a taxa de participação mostra uma trajetória nítida de diminuição, tendo passado de 46,5% em 1999 para 34,7% em 2009. De forma singular, nesse segmento populacional o indicador em análise registrou um forte processo de redução tanto entre os homens (de 50,0% em 1999 para 36,9% em 2009) quanto entre as mulheres (de 43,1% para 32,3%). Uma interpretação para essa mudança será proposta na próxima seção deste trabalho.





### 3. EDUCAÇÃO FORMAL E INSERÇÃO DOS JOVENS NO MERCADO DE TRABALHO<sup>6</sup>

Assumindo-se que a educação formal seja um dos atributos definidores das condições de inserção dos indivíduos no mercado de trabalho, esta seção procura investigar a evolução da composição da população e da força de trabalho dos jovens por níveis de escolaridade na RMPA, cotejando dados de 1999 com 2009. Para que esse tema seja adequadamente abordado, considera-se fundamental ter presente que esse segmento populacional está passando por um processo que lhe é singular, o de transição da escola para o mercado de trabalho, no qual, muitas vezes, coexistem atividades – estudo e trabalho – cujo conteúdo é distinto (Ryan, 2001; Quintini *et al.*, 2007; Camarano *et al.*, 2003).

A composição da população jovem por níveis de educação formal na RMPA passou por uma mudança razoavelmente grande na comparação de 1999 com 2009 (Tabela 1). Conforme se pode constatar, as alterações foram no sentido de perda de participação relativa dos jovens com escolaridade fundamental incompleta, de 33,6% em 1999 para 16,2% em 2009, e de avanço entre aqueles com médio completo a superior incompleto, de 30,9% para 45,4% nessa base comparativa. Ou seja, trata-se de uma mudança que indica que os jovens passam a ingressar no mercado de trabalho da região cada vez mais escolarizados. Por mais relevante que seja esse processo, deve-se mencionar que ele não é específico desse período, pois já vinha se manifestando na RMPA, nos anos 90 (Bastos, 2005). Adicione-se, também, que o avanço verificado não erradicou a situação de atraso em que se encontra parte da população jovem metropolitana, pois 16,2% dela não tinham conseguido concluir o ensino fundamental em 2009. Segmentando-se os jovens por sexo, constata-se que, conquanto as mudanças para homens e para mulheres tenham sido na mesma direção, elas não

<sup>6</sup> Ao longo desta seção, analisar-se-á, de modo geral, os jovens de 16 a 24 anos segmentados por sexo. Isso se deve ao fato de que, caso fosse feita uma superposição dos recortes idade, sexo e escolaridade, muitos dados não poderiam ser divulgados, por falta de significância estatística. Como se pode observar no texto, em um único caso (Tabela 2) apresentam-se evidências que combinam exclusivamente os recortes idade e escolaridade dos jovens.

alteraram o fato de que as jovens continuam sendo mais escolarizadas: em 1999, 33,7% delas possuíam escolaridade média completa a superior incompleta, enquanto, entre eles, havia 28,0%; em 2009, a participação relativa dessa faixa de escolaridade tinha se ampliado para 49,1% entre as mulheres e para 41,8% entre os homens.

A par de identificar a mudança na composição da população jovem por níveis de educação formal, é de particular relevância contrastar a situação dos jovens adolescentes com a dos jovens adultos no que se refere à participação em atividades de estudo e trabalho na RMPA (Tabela 2). A esse respeito, cabe destacar que, entre os adolescentes, a proporção majoritária não só é a daqueles que somente estudavam, mas também que esta se ampliou de 44,7% em 1999 para 57,9% em 2009, enquanto, entre os que estudavam e trabalhavam e/ou procuravam trabalho e entre os que somente trabalhavam e/ou procuravam trabalho, ocorreram reduções em suas respectivas parcelas relativas. De forma tentativa, avançam-se duas hipóteses de interpretação para essa mudança: a primeira delas diz respeito à incidência do desemprego entre os adolescentes<sup>7</sup>, a qual, embora tenha apresentado queda no período, situava-se em patamares muito elevados, constituindo-se em uma fonte de desestímulo à participação em um mercado de trabalho cada vez mais seletivo e em um fator que poderia estar compelindo esse segmento populacional à permanência em atividades escolares; a segunda hipótese tem por base a redução do desemprego entre os chefes de domicílio<sup>8</sup>, o que pode ter proporcionado condições socioeconômicas mais favoráveis ao aumento da parcela relativa de jovens adolescentes que se dedicam somente aos estudos.

**Tabela 1**

Distribuição da população jovem, por faixas de escolaridade e sexo  
Região Metropolitana de Porto Alegre - 1999 e 2009

(%)			
Ano de 1999	Homens	Mulheres	Total
Analfabeto	(1)	(1)	(1)
Fundamental incompleto	37,7	29,6	33,6
Fundamental completo a médio incompleto	32,9	35,1	34,0
Médio completo a superior incompleto	28,0	33,7	30,9
Superior completo	(1)	(1)	(1)
Total	100,0	100,0	100,0
Ano de 2009	Homens	Mulheres	Total
Analfabeto	(1)	(1)	(1)
Fundamental incompleto	19,2	13,1	16,2
Fundamental completo a médio incompleto	36,4	34,3	35,3
Médio completo a superior incompleto	41,8	49,1	45,4
Superior completo	(1)	3,1	1,5
Total	100,0	100,0	100,0

FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE, DIEESE e apoio MTE/FAT.

NOTA: Jovens - indivíduos de 16 a 24 anos.

(1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria.

<sup>7</sup> Como será visto na seção 5 deste trabalho, a taxa de desemprego dos jovens adolescentes era de 47,0% em 1999 e de 40,5% em 2009. Como referência comparativa, a taxa média de desemprego no mercado de trabalho da RMPA, nesses mesmos anos, era de 19,0% e 11,1% (Bastos, 2010).

<sup>8</sup> A taxa de desemprego dos chefes de domicílio caiu praticamente pela metade na comparação de 1999 com 2009, tendo passado de 12,2% para 6,3% (Bastos, 2010).

**Tabela 2**  
Distribuição dos jovens, segundo situação de estudo e trabalho, por faixas etárias  
Região Metropolitana de Porto Alegre - 1999 e 2009

(%)			
Ano de 1999	16 e 17 anos	18 a 24 anos	16 a 24 anos
Somente estudam	44,7	10,5	18,8
Estudam e trabalham e/ou procuram trabalho	31,9	23,2	25,3
Somente trabalham e/ou procuram trabalho	14,8	53,8	44,3
Apenas cuidam dos afazeres domésticos	4,3	7,5	6,7
Outros	4,3	5	4,8
Total	100,0	100,0	100,0
Ano de 2009	16 e 17 anos	18 a 24 anos	16 a 24 anos
Somente estudam	57,9	11,4	21,0
Estudam e trabalham e/ou procuram trabalho	26,4	24,1	24,6
Somente trabalham e/ou procuram trabalho	8,3	53,3	44,0
Apenas cuidam dos afazeres domésticos	(1)	4,7	4,1
Outros	5,9	6,5	6,3
Total	100,0	100,0	100,0

FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE, DIEESE e apoio MTE/FAT.

(1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria.

Quanto aos jovens adultos, a proporção majoritária entre eles era a daqueles que somente trabalhavam e/ou procuravam trabalho, mas esta praticamente não se alterou, mantendo-se em cerca de 53,0%, tanto em 1999 quanto em 2009. No que se refere a esse segmento populacional, assinala-se que aqueles que apenas cuidam dos afazeres domésticos – ou seja, indivíduos que não estudam e não participam do mercado de trabalho –, ainda que em proporção muito inferior, evidenciaram queda de 7,5% para 4,7%.

Segmentando-se a população jovem por sexo, duas diferenças marcantes sobressaem-se, quando se comparam as situações de estudo e trabalho de homens e mulheres (Tabela 3). A primeira delas é a de que há uma maior proporção de homens jovens (cerca de 50,0%) que somente trabalhavam e/ou procuravam trabalho em relação às mulheres jovens (cerca de 40,0%), sendo que tal diferença pouco se modificou no período. E a segunda é a de que a situação correspondente àqueles que apenas cuidam dos afazeres domésticos ter expressão somente entre as jovens, mas tal condição se reduziu bastante entre 1999 e 2009, tendo passado de 13,4% para 8,3%. Se, por um lado, essas evidências identificam uma situação mais adversa para as jovens, no sentido em que elas são compelidas às atividades domésticas no plano familiar, por outro, também mostram uma queda importante na proporção de mulheres jovens que não estudavam e não participavam do mercado de trabalho, mudança que deve ser reconhecida como socialmente positiva.

No âmbito do mercado de trabalho da RMPA, a composição da força de trabalho juvenil por níveis de educação formal passou por mudanças tão acentuadas quanto aquelas que ocorreram com esse segmento populacional no período em foco (Tabela 4). Nesse sentido, a proporção da PEA juvenil com escolaridade fundamental incompleta reduziu-se de 32,4% em 1999 para 13,2% em 2009,

enquanto a parcela relativa daqueles que tinham médio completo a superior incompleto elevou-se de 33,9% para 52,0%, nessa mesma referência comparativa.<sup>9</sup> Com base nessas evidências, reforça-se a compreensão de que os jovens estão se inserindo no mercado de trabalho da Região com níveis cada vez maiores de educação formal. Quanto ao recorte por sexo da força de trabalho juvenil, constata-se, também nesse caso, que as mulheres detêm uma situação mais favorável do que os homens, pois a proporção, entre as primeiras, com escolaridade média completa a superior incompleta passou de 39,8% em 1999 para 58,3% em 2009, e, entre os últimos, de 29,1% para 46,0%.

**Tabela 3**  
Distribuição dos jovens, segundo situação de estudo e trabalho, por sexo  
Região Metropolitana de Porto Alegre - 1999 e 2009

(%)			
Ano de 1999	Homens	Mulheres	Total
Somente estudam	17,3	20,3	18,8
Estudam e trabalham e/ou procuram trabalho	26,3	24,4	25,3
Somente trabalham e/ou procuram trabalho	50,5	38,1	44,3
Apenas cuidam dos afazeres domésticos	(1)	13,4	6,7
Outros	5,9	3,8	4,8
Total	100,0	100,0	100,0
Ano de 2009	Homens	Mulheres	Total
Somente estudam	19,9	22,1	21,0
Estudam e trabalham e/ou procuram trabalho	24,2	25,3	24,6
Somente trabalham e/ou procuram trabalho	48,5	39,4	44,0
Apenas cuidam dos afazeres domésticos	(1)	8,3	4,1
Outros	7,4	4,8	6,3
Total	100,0	100,0	100,0

FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE, DIEESE e apoio MTE/FAT.

NOTA: Jovens - indivíduos de 16 a 24 anos.

(1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria.

Como havia sido identificado na segunda seção deste trabalho, a taxa de participação dos jovens no mercado de trabalho da RMPA ficou relativamente estável quando da comparação entre 1999 e 2009. Quando se analisa esse indicador por níveis de educação formal, pode-se perceber que a mudança mais acentuada, nessa base comparativa, foi a redução do engajamento no mercado de trabalho dos jovens com escolaridade fundamental incompleta, cuja taxa de participação passou de 67,2% para 55,8% (Tabela 5). Isso mostra que os jovens com esse nível de educação formal se tornaram menos propensos a participarem do mercado de trabalho, o que pode se constituir em uma indicação de que esse mercado está se tornando mais seletivo em termos de requisitos de educação formal. Ao se contrastarem homens e mulheres jovens, depreende-se que o aumento da taxa de participação do segmento feminino como um todo foi provocado, exclusivamente, pelo comportamento desse indicador entre as mais escolarizadas, e, no caso do segmento masculino, a

<sup>9</sup> Essa mudança também não deve ser tomada como específica dos anos 2000, pois já vinha se processando no decênio anterior. Ver, a esse respeito, Bastos (2005).

queda da sua taxa de participação foi suscitada, principalmente, pela diminuição desse indicador entre os menos escolarizados.

**Tabela 4**

Distribuição da População Economicamente Ativa jovem, por faixas de escolaridade e sexo, na Região Metropolitana de Porto Alegre - 1999 e 2009

(%)

Ano de 1999	Homens	Mulheres	Total
Analfabeto	(1)	(1)	(1)
Fundamental incompleto	38,1	25,4	32,4
Fundamental completo a médio incompleto	31,4	33,1	32,2
Médio completo a superior incompleto	29,1	39,8	33,9
Superior completo	(1)	(1)	(1)
Total	100,0	100,0	100,0
Ano de 2009	Homens	Mulheres	Total
Analfabeto	(1)	(1)	(1)
Fundamental incompleto	17,2	8,6	13,2
Fundamental completo a médio incompleto	34,9	29,4	32,3
Médio completo a superior incompleto	46,0	58,3	52,0
Superior completo	(1)	3,7	(1)
Total	100,0	100,0	100,0

FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE, DIEESE e apoio MTE/FAT.

NOTA: Jovens - indivíduos de 16 a 24 anos.

(1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria.

**Tabela 5**

Taxas de participação dos jovens, por faixas de escolaridade e sexo  
Região Metropolitana de Porto Alegre - 1999 e 2009

(%)

Ano de 1999	Homens	Mulheres	Total
Analfabeto	(1)	(1)	(1)
Fundamental incompleto	78,0	53,5	67,2
Fundamental completo a médio incompleto	73,7	58,8	66,0
Médio completo a superior incompleto	80,2	73,5	76,5
Superior completo	(1)	(1)	(1)
Total	76,9	62,4	69,7
Ano de 2009	Homens	Mulheres	Total
Analfabeto	(1)	(1)	(1)
Fundamental incompleto	64,9	42,1	55,8
Fundamental completo a médio incompleto	69,4	55,6	62,8
Médio completo a superior incompleto	79,8	76,8	78,2
Superior completo	(1)	77,8	(1)
Total	72,5	64,6	68,6

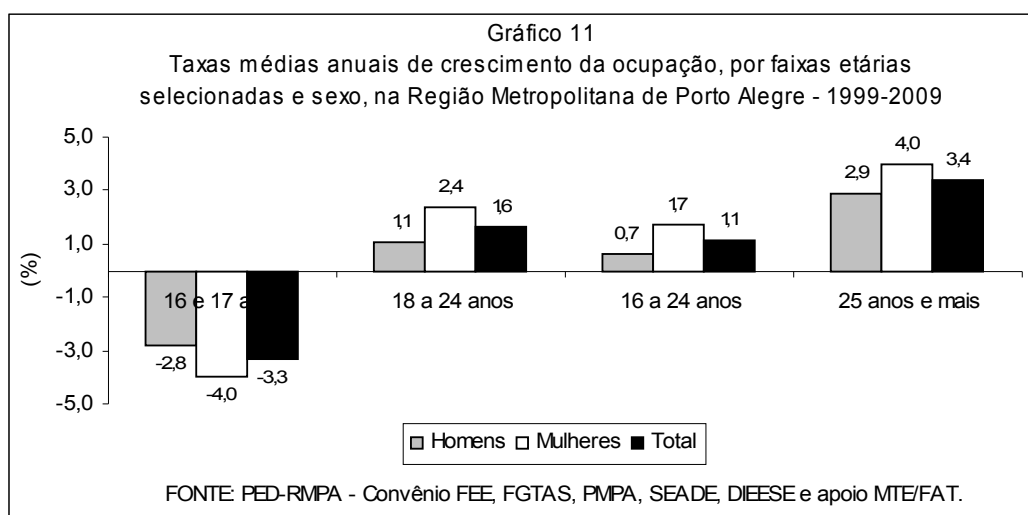
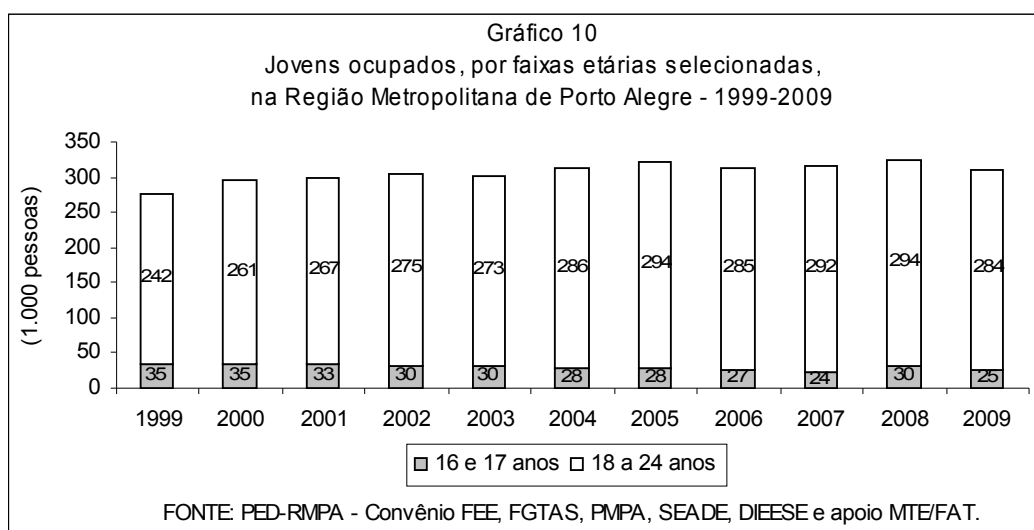
FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE, DIEESE e apoio MTE/FAT.

NOTA: Jovens - indivíduos de 16 a 24 anos.

(1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria.

#### 4. OCUPAÇÃO DOS JOVENS: DESEMPENHO E FORMAS DE INSERÇÃO

O estoque de jovens ocupados na RMPA elevou-se de 277 mil indivíduos em 1999 para 324 mil em 2008, para, logo após, declinar para 309 mil em 2009 (Gráfico 10). O ano de 2008, no qual esse estoque atingiu o seu valor máximo, foi o de melhor desempenho do nível de ocupação, na RMPA, nos anos 2000, não obstante a contração econômica verificada em seu último trimestre. Tomando-se o período 1999-2009 como um todo, a taxa média anual de crescimento da ocupação juvenil foi de 1,1%, ritmo de absorção de mão de obra muito inferior ao da ocupação dos adultos, que registrou 3,4% ao ano (Gráfico 11). Dadas essas tendências, a proporção de jovens no estoque total de ocupados da região declinou de 20,5% em 1999 para 17,2% em 2009.



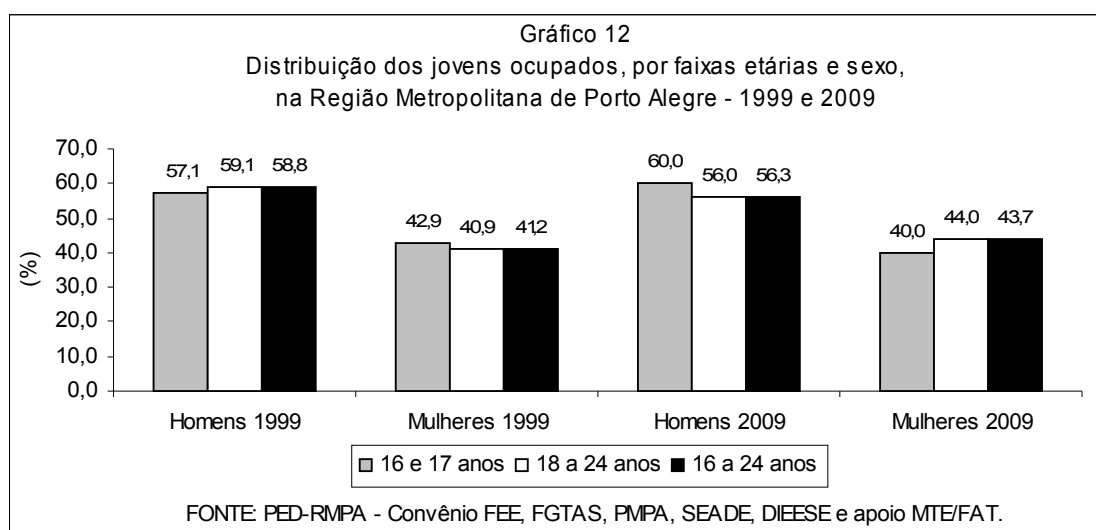
Examinando-se a ocupação juvenil por idade, constata-se que foram muito distintos os comportamentos dos segmentos de jovens adolescentes e de jovens adultos (Gráficos 10 e 11). Enquanto o contingente de adolescentes ocupados evidenciou um declínio absoluto do seu nível



ocupacional, tendo passado de 35 mil ocupados em 1999 para 25 mil em 2009, o de jovens adultos elevou-se de 242 mil ocupados para 284 mil. Em termos de ritmo de absorção de mão de obra, os jovens adultos registraram uma taxa média anual de crescimento do seu nível ocupacional de 1,6%, e os adolescentes, de -3,3% ao ano. Nesse sentido, pode-se afirmar que o aumento da ocupação entre os jovens na RMPA no período 1999-2009 se deveu exclusivamente ao desempenho do nível ocupacional do segmento de jovens adultos. No que diz respeito à evolução negativa da ocupação entre os adolescentes, deve-se salientar que, sobre ela, também incidem fatores que operam pelo lado da oferta de trabalho: como foi visto, esse segmento populacional reduziu-se em termos absolutos ao longo dos anos 2000, em face do processo de mudança demográfica, por um lado; por outro, o aumento da proporção de adolescentes que somente estudam e a consequente redução em sua participação no mercado de trabalho foram fenômenos muito claros ocorridos nesse período.

Quanto ao comportamento da ocupação dos jovens por sexo, constata-se que a sua evolução foi mais favorável entre as mulheres em comparação aos homens: o ritmo de crescimento da ocupação juvenil feminina foi de 1,7% ao ano no período 1999-2009, enquanto a da masculina foi de somente 0,7% ao ano (Gráfico 11). Sobrepondo-se os recortes por idade e sexo dos jovens, percebe-se como foram muito distintos os desempenhos do nível ocupacional de jovens adolescentes e de jovens adultos. No caso desses últimos, também se identifica que a capacidade de absorção de mão de obra foi mais vigorosa entre as mulheres em comparação aos homens, cujas taxas médias anuais de crescimento do nível ocupacional foram de 2,4% e de 1,1% ao ano, respectivamente. Todavia, no que diz respeito aos jovens adolescentes, o ritmo de redução da ocupação foi muito mais intenso entre as mulheres (-4,0%) *vis-à-vis* aos homens (-2,8%). Deve-se recuperar que, embora as diferenças não fossem tão acentuadas, a evolução da ocupação dos adolescentes por sexo reproduz o que havia sido encontrado na força de trabalho desse segmento etário, pois o ritmo de redução da PEA feminina foi mais acelerado do que a masculina.

Tendo por referência os comportamentos acima descritos, a proporção de mulheres jovens na ocupação total desse segmento populacional avançou de 41,2% em 1999 para 43,7% em 2009 (Gráfico 12). Tal aumento, contudo, deveu-se exclusivamente às jovens adultas, cuja parcela relativa na ocupação da sua respectiva faixa etária ampliou-se de 40,9% para 44,0% nessa base comparativa, pois, no caso das adolescentes, a sua proporção na ocupação da respectiva faixa etária diminuiu de 42,9% para 40,0%.



Em termos de estrutura ocupacional, o trabalho assalariado não só se constitui na principal forma de inserção dos jovens na ocupação, como também a sua participação relativa no estoque de ocupados desse segmento populacional, na RMPA, elevou-se, passando de 79,4% em 1999 para 87,7% em 2009 (Tabela 6)<sup>10</sup>. Tal mudança deveu-se principalmente ao comportamento do emprego no âmbito do setor privado, que registrou um incremento de 7,2 pontos percentuais na ocupação juvenil total. A esse respeito, assinala-se que esse avanço se deu muito mais por meio da criação de emprego com carteira de trabalho assinada, cuja proporção elevou-se 6,1 pontos percentuais, enquanto a do emprego sem carteira aumentava 1,1 ponto percentual. Isso leva a crer que tenha ocorrido uma melhora na qualidade do emprego entre os jovens, pois o aumento da proporção daqueles que possuem carteira de trabalho assinada amplia a cobertura de direitos e garantias legais entre eles. De forma distinta, verificou-se redução da parcela relativa de jovens que trabalhavam como autônomos, de 10,2% em 1999 para 6,8% em 2009, e como empregados domésticos, de 5,4% para 1,8%.

Analisando-se a estrutura ocupacional dos jovens por sexo, constata-se que o aumento da proporção de assalariados na RMPA, na comparação de 1999 com 2009, foi mais intenso entre as mulheres (11,6 pontos percentuais) em relação aos homens (5,8 pontos percentuais) – Tabela 6. Isso fez com que, ao final do período em foco, a parcela relativa de mulheres jovens assalariadas em relação à ocupação juvenil feminina total ultrapassasse a existente entre os homens jovens, o que não se verificava em 1999. Essa mudança foi suscitada pela evolução do emprego no setor privado, na medida em que o aumento da proporção de mulheres jovens (11,6 pontos percentuais) foi muito superior à de homens jovens (4,2 pontos percentuais). No âmbito do setor privado, destaca-se também o avanço no emprego com carteira de trabalho assinada entre as mulheres jovens (9,2 pontos percentuais) em comparação ao dos homens jovens (4,0 pontos percentuais), o que fez com

<sup>10</sup> Sobre o padrão de inserção dos jovens na estrutura ocupacional da RMPA, ver também Bastos e Matos (2007).

que, ao final do período, houvesse uma melhora relativa da situação das primeiras na estrutura ocupacional da Região. A esse respeito, parte dessas mudanças na inserção ocupacional das jovens foi uma contrapartida da perda de peso relativo do emprego doméstico nesse segmento da força de trabalho. No que se refere aos jovens de sexo masculino, esse papel parece ter sido exercido pela retração, entre eles, da proporção de trabalhadores autônomos (-4,9 pontos percentuais).

**Tabela 6**  
Distribuição dos jovens ocupados, por posição na ocupação e sexo  
Região Metropolitana de Porto Alegre - 1999 e 2009

Posição na ocupação	1999			2009		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
Assalariado	81,4	76,7	79,4	87,2	88,3	87,7
Setor privado	74,6	67,2	71,6	78,8	78,8	78,8
Com carteira assinada	56,1	51,4	54,2	60,1	60,6	60,3
Sem carteira assinada	18,5	15,8	17,4	18,7	18,2	18,5
Setor público	6,8	9,5	7,8	8,4	9,4	8,8
Autônomo	13,1	6,0	10,2	8,2	4,9	6,8
Empregador	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)
Empregado doméstico	(1)	12,8	5,4	(1)	(1)	1,8
Trabalhador familiar	(1)	(1)	2,4	(1)	(1)	(1)
Outros	(1)	(1)	2,0	(1)	(1)	2,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE, DIEESE e apoio MTE/FAT.

NOTA: Jovens - indivíduos de 16 a 24 anos.

(1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria.

Quanto à composição setorial da ocupação juvenil, as mudanças no período em análise foram de modo geral moderadas e no sentido de aumento da proporção de jovens inseridos em atividades do Terciário e de redução naquelas que pertencem ao Secundário (Tabela 7). Nesse sentido, a participação relativa dos serviços na ocupação juvenil elevou-se de 46,9% em 1999 para 51,6% em 2009, e a do comércio, de 21,5% para 23,8%; de forma distinta, a proporção de jovens ocupados na indústria de transformação reduziu-se de 21,1% para 19,0%, e, na construção civil, de 4,9% para 3,8%. Desagregando-se a ocupação juvenil por sexo, constata-se que as mudanças na estrutura setorial da ocupação foram mais intensas entre as mulheres jovens. Assim, a parcela relativa de mulheres jovens ocupadas elevou-se em 8,6 pontos percentuais nos serviços e em 2,7 pontos percentuais no comércio, na comparação de 1999 com 2009; no caso dos homens jovens, esses aumentos, mais modestos, foram de 1,5 ponto percentual nos serviços e 1,9 ponto percentual no comércio.

Muito mais acentuada foi a mudança na composição da ocupação juvenil por níveis de educação formal na RMPA, nos anos 2000, sendo esta no sentido de ganho no peso relativo dos indivíduos mais escolarizados na ocupação total desse grupo etário (Tabela 8). Assim, a parcela relativa de jovens ocupados com escolaridade média completa a superior incompleto elevou-se de

37,1% em 1999 para 55,7% em 2009, enquanto a daqueles com fundamental incompleto se reduziu de 30,6% para 11,3%. No que diz respeito a essa mudança, a interpretação proposta é a de que sobre ela incidem fatores que operam pelo lado da oferta de trabalho e pelo lado da demanda de trabalho. Assim, como foi visto na seção 2 deste estudo, ocorreu aumento tanto da população quanto da força de trabalho juvenil mais escolarizada na RMPA, nos anos 2000, o que, por si só, já tem impacto sobre a estrutura da ocupação por níveis de educação formal, por um lado. Por outro, como a proporção de jovens ocupados com escolaridade média completa a superior incompleto situa-se em patamar superior ao da população juvenil com esse nível de educação formal, isso sugere que o mercado de trabalho regional se tem tornado mais seletivo em termos de requerimentos desse atributo. Compare-se também, a esse respeito, a diferença existente entre o peso relativo dos indivíduos com ensino fundamental incompleto na população e na ocupação juvenil, claramente desfavorável à primeira delas.

**Tabela 7**

Distribuição dos jovens ocupados, por setores de atividade e sexo  
Região Metropolitana de Porto Alegre - 1999 e 2009

Setor de atividade	1999			2009		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
Indústria de transformação	24,5	16,1	21,1	22,7	14,2	19,0
Comércio	20,6	22,9	21,5	22,5	25,6	23,8
Serviços	46,5	47,6	46,9	48,0	56,2	51,6
Construção civil	8,0	(1)	4,9	6,4	(1)	3,8
Serviços domésticos	(1)	12,8	5,5	(1)	(1)	1,8
Outros	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE, DIEESE e apoio MTE/FAT.

NOTA: Jovens - indivíduos de 16 a 24 anos.

(1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria.

Ao incorporar-se a variável sexo na análise da composição da ocupação dos jovens por níveis de educação formal, constata-se que, tanto entre homens jovens quanto entre mulheres jovens, ocorreram grandes avanços nas proporções de ocupados mais escolarizados (Tabela 8). Não obstante, também nesse caso fica evidente que os indivíduos de sexo feminino são mais escolarizados do que os de sexo masculino. Assim, o peso relativo das jovens ocupadas com escolaridade média completa a superior incompleto na ocupação desse grupo populacional passou de 44,7% em 1999 para 64,4% em 2009, valores muito superiores aos verificados entre os homens jovens, que se situavam em 31,7% e 48,9% em idêntica base comparativa.

**Tabela 8**  
Distribuição da ocupação juvenil, por faixas de escolaridade e sexo  
Região Metropolitana de Porto Alegre - 1999 e 2009

(%)			
Ano de 1999	Homens	Mulheres	Total
Analfabeto	(1)	(1)	(1)
Fundamental incompleto	36,0	22,8	30,6
Fundamental completo a médio incompleto	30,5	29,8	30,2
Médio completo a superior incompleto	31,7	44,7	37,1
Superior completo	(1)	(1)	(1)
Total	100,0	100,0	100,0
Ano de 2009	Homens	Mulheres	Total
Analfabeto	(1)	(1)	(1)
Fundamental incompleto	15,5	5,9	11,3
Fundamental completo a médio incompleto	35,1	25,9	31,1
Médio completo a superior incompleto	48,9	64,4	55,7
Superior completo	(1)	(1)	(1)
Total	100,0	100,0	100,0

FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE, DIEESE e apoio MTE/FAT.

NOTA: Jovens - indivíduos de 16 a 24 anos.

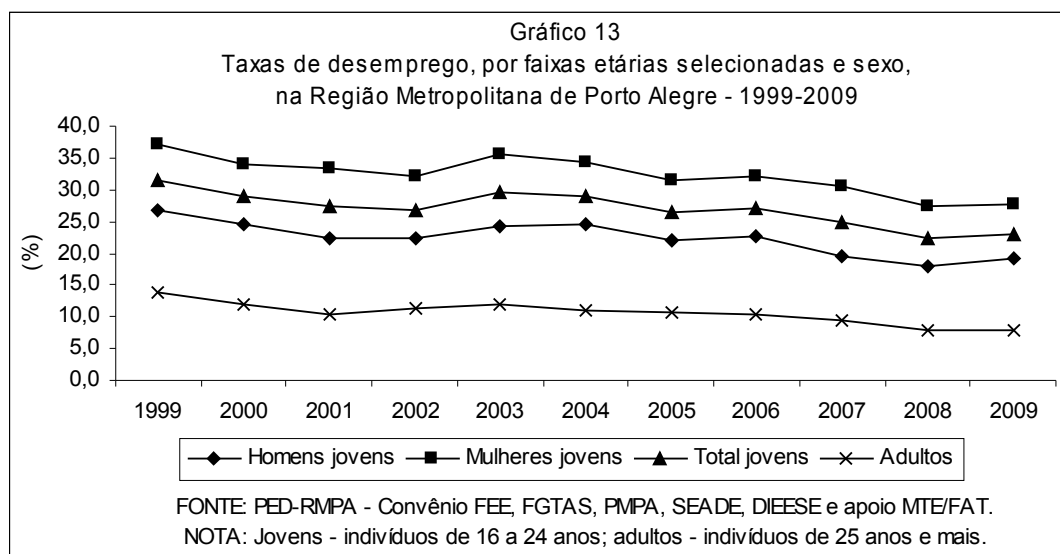
(1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria.

## 5. DESEMPREGO JUVENIL: TENDÊNCIAS E CARACTERÍSTICAS

O desemprego tem sido um tema bastante investigado pela literatura que trata da situação dos jovens no mercado de trabalho (O'Higgins, 1997; Pochmann, 2000; Tokman, 2003; OIT, 2007; Martin, 2009; Bell e Blanchflower, 2010). Seja pelo fato de a maior parte das experiências nacionais evidenciarem uma elevada incidência do desemprego entre os jovens, seja por eles representarem uma proporção considerável do estoque de desempregados, esse fenômeno tem sido objeto de atenção por parte de pesquisadores e de autoridades públicas, e é para ele que esta seção está voltada.

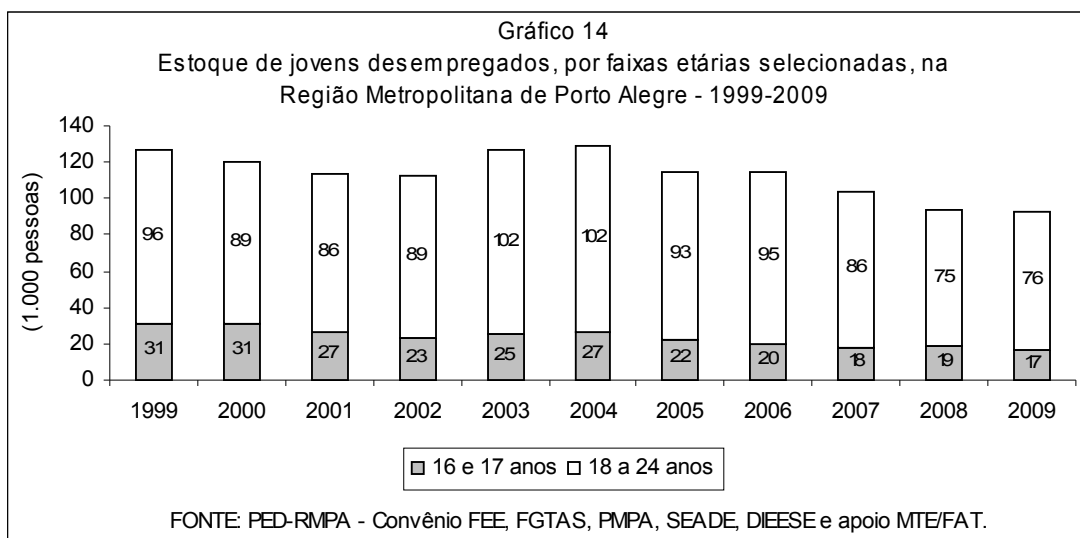
No período focado por esse estudo, a taxa de desemprego dos jovens na RMPA reduziu-se de 2000 a 2002, elevou-se em 2003, para, a partir de 2004, ingressar em uma tendência de declínio, somente interrompida em 2009, ano de uma recessão econômica (Gráfico 13). Comparando-se o ano de 1999 com o de 2009, constata-se que a taxa de desemprego dos jovens havia diminuído de 31,4% para 23,1%. Tomando-se como referência comparativa a incidência do desemprego entre os adultos, a sua trajetória evolutiva foi semelhante à do jovens, encaminhando-se para patamares menores ao final do período em foco; todavia, o tamanho da incidência do desemprego entre os adultos é distinta da dos jovens, situando-se em níveis muito inferiores. Essa diferença não é singular ao mercado de trabalho da RMPA, verificando-se tanto no âmbito internacional (ILO, 2010; Martin, 2009) quanto em outras regiões metropolitanas do País (DIEESE, 2008). Cabe ainda destacar que a razão entre a taxa de desemprego dos jovens e a taxa de desemprego dos adultos elevou-se de 2,24 em 1999 para 2,89

em 2009, o que sugere uma **deterioração relativa** da incidência do desemprego entre os jovens, nessa base comparativa.

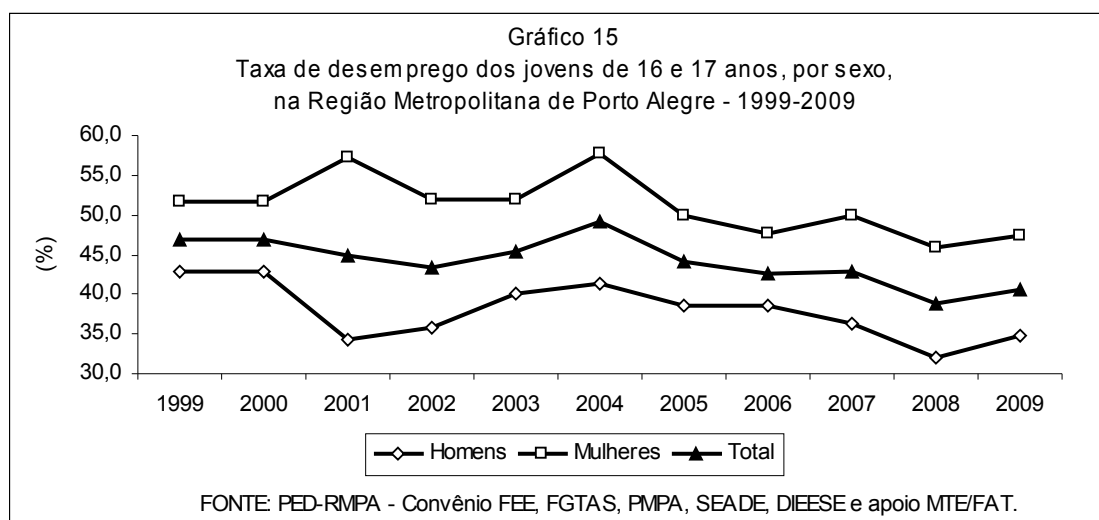


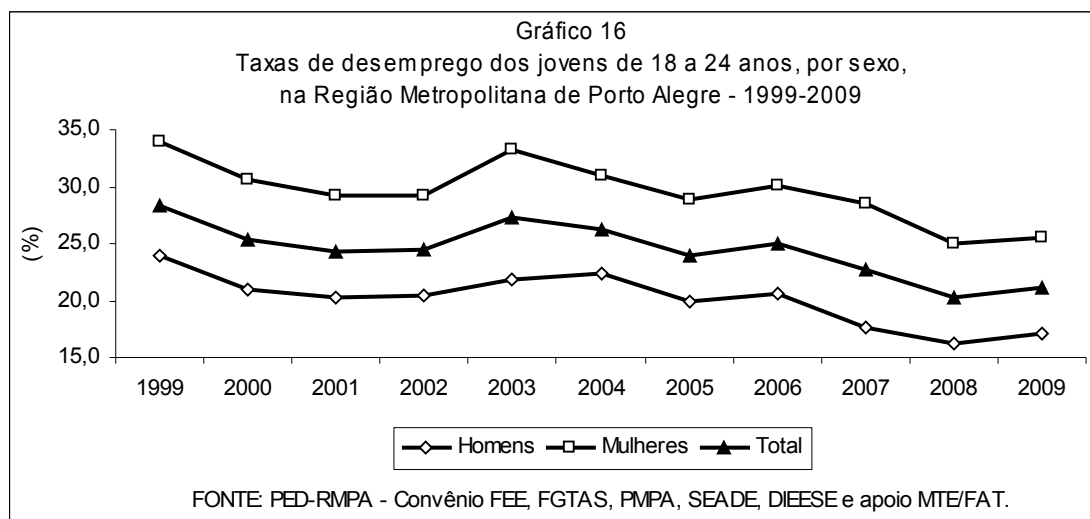
O estoque de jovens desempregados na RMPA reduziu-se de 2000 a 2002, elevou-se em 2003 e 2004, para, a partir de 2005, evidenciar uma tendência de queda (Gráfico 14). Tendo por referência a evolução acima descrita, o contingente de jovens desempregados na Região declinou de 127 mil indivíduos em 1999 para 93 mil em 2009. Para dimensionar a sua importância, esses valores representavam 40,2% do desemprego total da Região em 1999 e 41,5% em 2009, o que evidencia um peso relativo muito superior ao da força de trabalho juvenil na PEA total. As trajetórias dos contingentes de desempregados de jovens adolescentes e de jovens adultos foram semelhantes, mas a redução foi mais intensa entre os primeiros (de 31 mil indivíduos em 1999 para 17 mil em 2009) comparativamente aos últimos (de 96 mil indivíduos para 76 mil). Com isso, a proporção de adolescentes no estoque total de jovens desempregados declinou de 24,4% em 1999 para 18,3% em 2009.

Observando-se a incidência do desemprego entre jovens adolescentes e entre jovens adultos na RMPA, constata-se que os seus movimentos foram, de modo geral, semelhantes no período 1999-2009 (Gráficos 15 e 16). Cotejando-se os anos inicial e final das séries, a taxa de desemprego dos adolescentes havia se reduzido de 47,0% para 40,5%, e a dos jovens adultos, de 28,4% para 21,1%. Dois aspectos dos indicadores em análise sobressaem-se: o primeiro deles é o de que a incidência do desemprego se encontra em níveis muito maiores entre os adolescentes; e o segundo é o de que a taxa de desemprego evidenciou declínio mais acentuado entre os jovens adultos (7,3 pontos percentuais) *vis-à-vis* aos adolescentes (6,5 pontos percentuais), o que sugere uma piora na desvantagem relativa dos últimos no mercado de trabalho local.



Quanto ao recorte por sexo do desemprego juvenil, a evolução foi praticamente idêntica para homens e mulheres jovens no período em estudo, verificando-se uma trajetória mais nítida de queda de sua incidência para ambos de 2000 a 2002 e de 2004 a 2008 (Gráfico 13). Tomando-se como referência comparativa os anos de 1999 e 2009, a taxa de desemprego dos homens jovens havia se reduzido de 26,9% para 19,1%, e a das jovens, de 37,0% para 27,8%. Assim, o diferencial de taxas de desemprego, ainda muito desfavorável às jovens, passou de 10,1 para 8,7 pontos percentuais. A maior incidência do desemprego entre as jovens não se constitui em uma característica exclusiva do segmento etário em análise, pois também se manifesta no indicador médio do mercado de trabalho. A interpretação que se avança para explicar essa desvantagem das jovens está associada à existência de fatores discriminatórios no mercado de trabalho, dado que elas possuem maior nível de educação formal do que os homens jovens, como foi mostrado na seção 2, o que deveria lhes proporcionar condições mais favoráveis de inserção no mercado de trabalho.

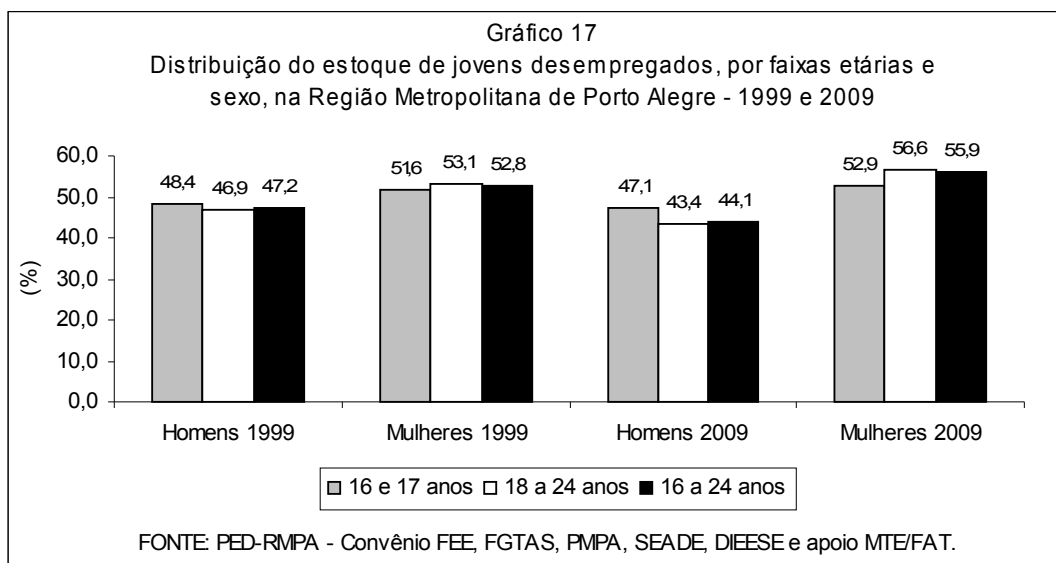




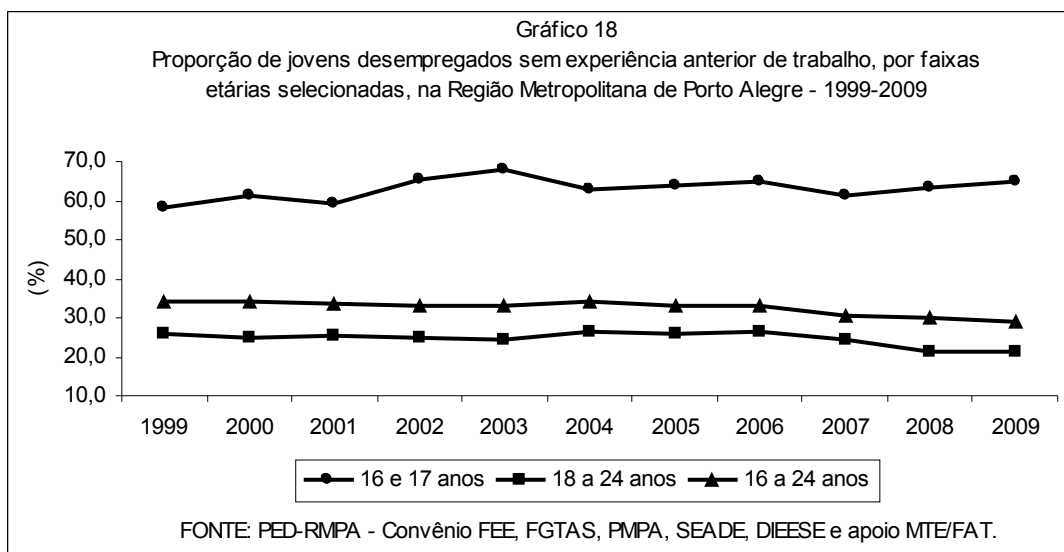
Situação análoga do desemprego identifica-se quando da sobreposição dos recortes idade e sexo dos jovens (Gráficos 15 e 16). No que diz respeito ao segmento de adolescentes, a incidência do desemprego entre os indivíduos de sexo masculino declinou de 42,9% em 1999 para 34,8% em 2009, e, entre as adolescentes, de 51,6% para 47,4%. Nesse caso, fica claro não somente que as adolescentes experimentam uma situação mais adversa em termos de taxas de desemprego, bem como que o diferencial a elas desfavorável se ampliou de 8,7 pontos percentuais em 1999 para 12,6 pontos percentuais em 2009. Portanto, o grupo das adolescentes parece ser aquele que enfrentou maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho no período, pelo menos no que tange aos outros segmentos de jovens. Quanto aos jovens adultos, os homens jovens dessa faixa etária apresentaram queda na taxa de desemprego de 23,9% em 1999 para 17,2% em 2009, e o de mulheres jovens, de 34,0% para 25,6%, confirmando um padrão de desigualdade que reproduz uma condição desvantajosa para o gênero feminino.

No período em foco, ocorreu aumento da parcela relativa de mulheres jovens no estoque total de jovens desempregados na RMPA (Gráfico 17). Nesse sentido, a proporção de mulheres jovens no desemprego ampliou-se de 52,8% em 1999 para 55,9% em 2009. Essa mudança, desfavorável ao segmento feminino, deveu-se, em parte, a um fator relacionado com a oferta de trabalho: a taxa de participação das jovens – como foi visto na seção 2 – aumentou no período, pressionando mais a sua situação no mercado de trabalho, o que não ocorreu com o segmento masculino, cuja taxa de participação evidenciou queda. Entre os adolescentes e entre os jovens adultos também houve elevação das parcelas relativas de indivíduos de sexo feminino nos estoques de desempregados das respectivas faixas etárias: no caso dos primeiros, o motivo principal foi a evolução menos satisfatória da incidência do desemprego entre as adolescentes, como assinalado anteriormente; no dos últimos, o fator mais relevante está vinculado à tendência de elevação da taxa de participação das jovens e de sua redução entre os homens jovens – ou seja, trata-se de um mecanismo que operou pelo lado da oferta de trabalho.





Por se tratar de um segmento populacional que está vivenciando o processo de inserção no mercado de trabalho, os jovens deparam-se com frequência com o fato de não terem experiência anterior de trabalho, constituindo-se essa característica um *handicap* que lhes é específico e que prejudica as suas chances de êxito na obtenção de um posto de trabalho (Ryan, 2001). Na RMPA, a proporção de jovens desempregados sem experiência anterior de trabalho mostra-se bastante expressiva nos anos 2000, situando-se em cerca de 33,0% da força de trabalho juvenil desempregada no período que se estende até 2006, para, posteriormente, declinar, atingindo 29,0% em 2009 (Gráfico 18). Ao se desagregar os jovens por faixas etárias, a característica em análise revela-se com intensidade e tendência muito distintas entre jovens adolescentes e jovens adultos. No que diz respeito aos jovens adultos, a proporção de desempregados sem experiência anterior de trabalho é mais baixa, assim como evidencia queda, tendo passado de 26,0% da sua força de trabalho desempregada em 1999 para 21,1% em 2009. Já no caso dos jovens adolescentes, a parcela relativa de desempregados sem experiência anterior de trabalho encontra-se em patamar muito mais elevado e experimenta maior variabilidade ao longo do período; na comparação de 1999 com 2009, ela havia aumentado de 58,1% para 64,7% da força de trabalho dos adolescentes desempregada. Portanto, essa desvantagem no processo de inserção no mercado de trabalho coloca-se mais intensamente para o segmento de adolescentes, bem como a sua magnitude se ampliou no período em foco, diferentemente do que ocorreu entre os jovens adultos.



Examinando-se o desemprego juvenil por níveis de educação formal, constata-se redução generalizada de sua incidência na comparação de 1999 com 2009, ainda que esta tenha sido muito menos intensa entre os jovens menos escolarizados (Tabela 9). Assim, a diferença entre a taxa de desemprego do segmento com escolaridade fundamental incompleta e o com escolaridade média completa a superior incompleto elevou-se de 10,3 pontos percentuais em 1999 para 16,7 pontos percentuais em 2009, o que sugere maior dificuldade relativa dos menos escolarizados em obter um posto de trabalho. Incorporando-se a segmentação por sexo da força de trabalho juvenil à análise, pode-se perceber que a incidência do desemprego entre as jovens se mostra mais elevada em todas as faixas de escolaridade. Todavia, a evolução das taxas de desemprego foi distinta entre os diversos recortes em foco: enquanto o segmento com escolaridade fundamental incompleta viu ampliar-se a diferença em detrimento das jovens de 12,9 pontos percentuais em 1999 para 23,0 pontos percentuais em 2009, no com escolaridade média completa a superior incompleto o *gap* entre os sexos teve queda de 9,2 pontos percentuais para 6,1 pontos percentuais, na mesma base de comparação. Com isso, configura-se uma situação que é a das jovens com fundamental incompleto, que corresponde à pior condição no mercado de trabalho quanto à incidência do desemprego.

**Tabela 9**

Taxas de desemprego dos jovens, por faixas de escolaridade e sexo  
Região Metropolitana de Porto Alegre - 1999 e 2009

(%)			
Ano de 1999	Homens	Mulheres	Total
Analfabeto	(1)	(1)	(1)
Fundamental incompleto	30,6	43,5	35,1
Fundamental completo a médio incompleto	28,6	43,3	35,4
Médio completo a superior incompleto	20,0	29,2	24,8
Superior completo	(1)	(1)	(1)
Total	26,9	37,0	31,4
Ano de 2009	Homens	Mulheres	Total
Analfabeto	(1)	(1)	(1)
Fundamental incompleto	27,0	50,0	34,0
Fundamental completo a médio incompleto	18,7	36,4	26,2
Médio completo a superior incompleto	14,1	20,2	17,3
Superior completo	(1)	(1)	(1)
Total	19,1	27,8	23,1

FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE, DIEESE e apoio MTE/FAT.

NOTA: Jovens - indivíduos de 16 a 24 anos.

(1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria.

Quanto à composição do estoque de jovens desempregados por níveis de educação formal na RMPA, a mudança mais nítida foi no sentido de aumento do peso relativo dos mais escolarizados no desemprego (Tabela 10). Nesse sentido, a parcela relativa de jovens com escolaridade média completa a superior incompleto elevou-se de 27,0% em 1999 para 38,7% em 2009, tornando-se o segmento com o maior peso relativo no desemprego juvenil. Assinale-se que um movimento semelhante ocorreu tanto para homens quanto para mulheres jovens: entre os primeiros, a proporção de desempregados com escolaridade média completa a superior incompleto passou de 22,0% para 34,1%, e entre as últimas, de 31,3% para 42,3%. De acordo com a interpretação proposta, a mudança na composição do desemprego juvenil acima descrita deu-se por meio de fatores que operaram pelo lado da oferta de trabalho, pois nesse período ocorreu uma elevação na proporção de indivíduos mais escolarizados na força de trabalho juvenil.

**Tabela 10**  
Distribuição dos jovens desempregados, por faixas de escolaridade e sexo  
Região Metropolitana de Porto Alegre - 1999 e 2009

(%)			
Ano de 1999	Homens	Mulheres	Total
Analfabeto	(1)	(1)	(1)
Fundamental incompleto	44,1	29,9	36,5
Fundamental completo a médio incompleto	33,9	38,8	36,5
Médio completo a superior incompleto	22,0	31,3	27,0
Superior completo	(1)	(1)	(1)
Total	100,0	100,0	100,0
Ano de 2009	Homens	Mulheres	Total
Analfabeto	(1)	(1)	(1)
Fundamental incompleto	24,4	15,4	19,4
Fundamental completo a médio incompleto	34,1	38,5	36,6
Médio completo a superior incompleto	34,1	42,3	38,7
Superior completo	(1)	(1)	(1)
Total	100,0	100,0	100,0

FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE, DIEESE e apoio MTE/FAT.

NOTA: Jovens - indivíduos de 16 a 24 anos.

(1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as evidências proporcionadas por esse estudo, a população jovem na RMPA elevou-se até o ano de 2005, para, a partir de então, ingressar em uma trajetória de declínio. Assim, ao se compararem os anos de 1999 e 2009, constatou-se que esse segmento populacional se mantinha praticamente no mesmo patamar na Região Metropolitana. Tal trajetória evolutiva da população jovem foi uma expressão do processo de transição demográfica pelo qual está passando o País, no qual se reduz o ritmo de crescimento dos segmentos de crianças e de jovens e elevam-se os daqueles de idades mais avançadas. Como decorrência desse processo, a proporção de jovens na PIA da Região declinou de 20,3% em 1999 para 16,9% em 2009.

No âmbito do mercado de trabalho, identificou-se uma trajetória evolutiva semelhante da força de trabalho juvenil, no sentido de que ela passou a verificar um processo de redução a partir do ano de 2005. Como implicação desse comportamento, a parcela relativa de jovens na força de trabalho total da Região declinou de 24,3% em 1999 para 19,9% em 2009. A esse respeito, foi mostrado que a PEA dos jovens adolescentes registrou queda muito mais acelerada do que a do respectivo segmento populacional, o que revela que, para tanto, concorreram não somente fatores demográficos como também socioeconômicos. Por fim, pôde-se também estabelecer a conclusão de que a evolução do tamanho da força de trabalho dos jovens no período jogou a favor das suas condições de inserção no mercado de trabalho, pois não ocorreu aumento da pressão por ela exercida sobre esse mercado.

No que diz respeito às situações de estudo e trabalho dos jovens na RMPA, uma das mudanças mais relevantes identificadas por esse estudo nos anos 2000 foi o aumento da parcela

relativa de jovens adolescentes que somente estudam, o que está a indicar um adiamento de sua inserção em atividades laborais. Como interpretação tentativa, sugeriu-se que, para essa mudança, contribuíram (i) a elevada incidência do desemprego entre os jovens adolescentes e (ii) a redução do desemprego entre os chefes de domicílio no período: o primeiro fator, no sentido de exercer o efeito de desestimular a participação desse segmento populacional no mercado de trabalho, e o segundo, criando condições socioeconômicas mais propícias para a dedicação dos jovens adolescentes às atividades escolares. De qualquer forma, trata-se de um objeto de estudo em aberto e que mereceria ser retomado e aprofundado em pesquisas posteriores. Uma outra mudança que se destacou foi a queda da proporção de mulheres jovens que apenas cuidavam de afazeres domésticos, o que foi reconhecido como socialmente positivo, dado que as jovens circunscritas a essa situação se encontram em uma das condições com menores perspectivas de inserção na escola e no trabalho.

A par desses aspectos, esse trabalho revelou que a composição da população e da força de trabalho dos jovens por níveis de educação formal na RMPA, no período, passou por um processo considerável de mudança, no sentido de que os segmentos mais escolarizados ganharam participação relativa em detrimento daqueles menos escolarizados. Essa mudança, todavia, não deve ser tomada como específica dos anos 2000, pois a mesma já estava ocorrendo no decênio anterior. De qualquer forma, dessas evidências, pode-se derivar a conclusão de que a oferta de trabalho dos jovens na Região se torna cada vez mais escolarizada, o que irá requerer de parte da economia a capacidade de geração de oportunidades ocupacionais compatíveis com uma força de trabalho com esse perfil.

O ritmo de absorção de mão de obra juvenil pelo mercado de trabalho da RMPA nos anos 2000 foi muito inferior ao da ocupação de adultos. Como decorrência dos desempenhos comparativos, a proporção de jovens na ocupação total da Região registrou retração de 20,5% em 1999 para 17,2% em 2009. Também nesse caso, foi destacada a disparidade entre os comportamentos do nível ocupacional dos jovens adolescentes – fortemente declinante – e o dos jovens adultos – positivo, mas inferior ao verificado entre os adultos. É importante reiterar que, para a redução do nível ocupacional dos jovens adolescentes, também concorreram aspectos demográficos e socioeconômicos, pois a população e a força de trabalho desse segmento etário apresentaram retração em termos absolutos.

Quanto às mudanças na estrutura ocupacional dos jovens, este estudo identificou expansão na parcela relativa de assalariados na ocupação total, com ênfase na dos empregados com carteira de trabalho assinada no setor privado, o que foi tomado como uma melhora na qualidade das inserções ocupacionais. Não obstante, tanto ao início quanto ao final do período em foco, a proporção de empregados sem carteira era de cerca de um quinto da força de trabalho juvenil ocupada, o que indica ainda haver ausência de acesso aos direitos trabalhistas entre os assalariados desse segmento populacional em um grau acentuado. Como contrapartida dessas mudanças, ocorreram reduções nos pesos relativos do trabalho autônomo e do emprego doméstico na ocupação juvenil total.

A composição da ocupação juvenil por níveis de educação formal evidenciou uma alteração bastante nítida nos anos 2000, com o aumento da parcela relativa de ocupados mais escolarizados. Se, por um lado, esta se deu por meio de um processo que operava pelo lado da oferta de trabalho, por outro há também indicações de que a demanda de trabalho está se tornando mais seletiva em termos de requerimentos de escolaridade, pois as mudanças na distribuição da ocupação juvenil por níveis de educação formal foram mais intensas do que as que ocorreram com a sua força de trabalho.

Ocorreu queda importante na incidência do desemprego entre os jovens, na RMPA, nos anos 2000, particularmente no período que se estendeu de 2004 a 2008, cujo desempenho macroeconômico foi mais satisfatório. Não obstante, a razão entre a sua taxa de desemprego e a dos adultos elevou-se na comparação de 1999 com 2009, o que configurou a inexistência de **melhora relativa** da dimensão em análise para os jovens. Também foi mostrado que a redução na incidência do desemprego foi menos intensa entre os jovens adolescentes em relação aos jovens adultos, revelando a sua maior dificuldade em obter um posto de trabalho. Não por acaso, a proporção de jovens adolescentes desempregados sem experiência anterior de trabalho elevou-se nos anos 2000, diferentemente do que se verificou entre os jovens adultos. Na desagregação do desemprego por sexo, constatou-se que a diferença de sua incidência desfavorável às jovens se manteve ao longo do período, indicando uma maior vulnerabilidade estrutural desse segmento populacional no mercado de trabalho local.

A incidência do desemprego nos anos 2000 evidenciou retração muito mais limitada entre os jovens menos escolarizados. De acordo com a interpretação proposta, para esse achado empírico concorreram fatores relacionados com a demanda de trabalho, na medida em que se assumiu que o mercado de trabalho se vem tornando mais seletivo quanto a esse atributo. Todavia, a mudança na composição do desemprego por níveis de educação formal foi no sentido do incremento da parcela relativa de jovens mais escolarizados, o que se deveu à ampliação do grupo de indivíduos com maior nível de educação formal na força de trabalho desse segmento etário.

Por fim, com base nas evidências contidas nesse estudo, defende-se a compreensão de que se está ingressando em um contexto que poderá se configurar favorável às condições de inserção dos jovens no mercado de trabalho da RMPA. Devido ao processo de transição demográfica, a população jovem se estabilizou na Região em termos absolutos. Isso se constitui em uma oportunidade histórica para que os investimentos no ensino público sejam fundamentalmente no sentido do avanço em sua qualidade, o que é crucial para que os jovens tenham perspectivas mais promissoras no mercado de trabalho. Combinadas com a adoção de ações da agenda de Trabalho Decente proposta pela Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2007 e 2009), na qual um dos objetivos centrais é o de criação de empregos de qualidade para os jovens, escolhas apropriadas dos formuladores de políticas públicas poderiam contribuir para um processo de transição da escola para o trabalho com mais chances de ser bem-sucedido para a juventude metropolitana.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, R. O segmento juvenil do mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre: um estudo com ênfase na escolaridade. **Ensaios FEE**. Porto Alegre: FEE, v. 26, número especial, p. 271-298, 2005.
- \_\_\_\_\_. Crescimento populacional, ocupação e desemprego dos jovens: a experiência recente da Região Metropolitana de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Estudos de População**. São Paulo: ABEP, v. 23, n.2, p. 301-315, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre: aspectos da experiência dos anos 2000**. Porto Alegre: FEE, 2010. (Texto para Discussão n. 76.)
- BASTOS, R., MATOS, J. A inserção ocupacional dos jovens na Região Metropolitana de Porto Alegre: principais características, mudanças e permanências. **Revista da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho**. São Paulo: LTr, v. VI, n. 2, p. 23-46, 2007.
- BELL, D., BLANCHFLOWER, D. **Youth unemployment: déjà vu?** Bonn: IZA, 2010. (Discussion paper n. 4705).
- BERCOVICH, A., MADEIRA, F. **Descontinuidades demográficas no Brasil e no Estado de São Paulo**. Anais do VII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu: ABEP, v. 2, p. 595-631, 1990.
- CAMARANO, A. *et al.* A transição para a vida adulta: novos e velhos desafios? **Mercado de Trabalho - conjuntura e análise**. Brasília: IPEA, n. 21, p. 53-66, 2003.
- COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE. **La juventud en Iberoamérica: tendencias y urgencias**. Santiago: CEPAL, 2004.
- DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SÓCIO-ECONÔMICOS. **Trajetórias da juventude nos mercados de trabalho metropolitanos** – mudanças na inserção entre 1998 e 2007. São Paulo: DIEESE, 2008.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Brasil: o estado de uma nação**. Brasília: IPEA, 2006.
- INTERNATIONAL LABOR OFFICE. **Global employment trends for youth**. Geneva: ILO, 2010.
- KRELING, N. Trabalhadores mais maduros predominam na Região Metropolitana de Porto Alegre. In: BASTOS, R. (Coord.) **Dimensões da precarização do mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre**. Porto Alegre: Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, DIEESE, SEADE-SP, MTE/FAT e apoio PMPA, 2007.
- \_\_\_\_\_. Envelhecimento do trabalhador impõe novos desafios às políticas públicas. In: TONI, M. (Coord.) **Políticas públicas do trabalho: uma discussão sobre sua efetividade e a necessidade de ações específicas, a partir das características do mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre**. Porto Alegre: Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, DIEESE, SEADE-SP, MTE/FAT e apoio PMPA, 2009.
- MARTIN, G. A portrait of youth labor market in 13 countries, 1980-2007. **Monthly Labor Review**. Washington: U.S. Department of Labor, v. 132, n. 7, p. 3-20, 2009.
- MUNIZ, J. As descontinuidades demográficas exercem efeitos sobre o mercado de trabalho metropolitano dos jovens? **Revista Brasileira de Estudos de População**. Campinas: ABEP, v. 19, n. 2, p. 65-97, 2002.
- OFICINA INTERNACIONAL DEL TRABAJO. **Trabajo decente y juventud – América Latina**. Lima: OIT, 2007.
- O'HIGGINS, N. **The challenge of youth unemployment**. Geneva: OIT, 1997. (Employment and training papers n. 7).
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Perfil do trabalho decente no Brasil**. Brasília: OIT, 2009.

- PAIVA, P, WAJNMAN, S. Das causas às conseqüências econômicas da transição demográfica no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**. São Paulo: ABEP, v. 22, n. 2, p. 303-322, 2005.
- POCHMANN, M. **A batalha pelo primeiro emprego**. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.
- QUINTINI, G. *et al.* **The changing nature of the school-to-work transition process in OECD countries**. Bonn: IZA, 2007. (Discussion paper nº 2582).
- RIOS-NETO, E. Questões emergentes na análise demográfica: o caso brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos de População**. São Paulo: ABEP, v. 22, n. 2, p. 371-408, 2005.
- RYAN, P. The school-to-work transition: a cross-national perspective. **Journal of Economic Literature**. Nashville: AEA, v. XXXIX, n. 1, p. 34-92, 2001.
- SABOIA, J. Venturas e desventuras do mercado de trabalho no Brasil. In: CASTRO, A. *et al.* (Orgs.) **Brasil em desenvolvimento** – instituições, políticas e sociedade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. (Volume 2.)
- TOKMAN, V. **Desempleo juvenil en el cono sur: causas, consecuencias y políticas**. Santiago: Fundación Friedrich Ebert, 2003.
- UNITED NATIONS. **World youth report 2007** - young people's transition to adulthood - progress and challenges. New York: UN, 2007.